

# INTERFACES JUDAICAS

DO MUSEU DO HOLOCAUSTO



# ÍNDICE

*Qualquer pessoa que seja capaz de protestar contra as transgressões do mundo inteiro e não o faça é punida pelas transgressões do mundo inteiro.*

Talmud Babilônico, *Shabbat* 54a.

- 04 **Apresentação**, Carlos Reiss
- 05 **O caráter judaico da memória do Holocausto:**  
entre a singularidade e o universalismo
- 07 **Shoá e Holocausto:** uma reflexão sobre conceitos
- 09 **No coração do judaísmo**, Rabino Pablo Berman
- 10 **Uma pedrinha sobre a lápide**
- 11 **A Estrela de David** como símbolo judaico
- 12 **Chai:** judaísmo e vida



*Qual trecho da Torá aparece no pergaminho exposto no Museu?* **13**

**Mezuzá:** santificação do espaço **14**

*Outras peças judaicas no acervo do Museu* **15**

**Gmar Chatimá Tová:** inscritos no livro da vida **20**

**Kidush Hachaim** e a resistência espiritual durante o Holocausto **21**

*O que é a Teologia do Holocausto?* **22**

**Referências Bibliográficas** **23**

**Créditos** **24**



# APRESENTAÇÃO por Carlos Reiss

Coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba

O Yad Vashem, em Jerusalém, é explícito ao afirmar logo na página inicial de seu *website* que o museu

**“apresenta a história da Shoá a partir de uma perspectiva judaica única”.**

Mas afinal, o que seria uma “perspectiva judaica única”? O termo “perspectiva” vem do latim “perspicere”, que significa “ver através de”. Na prática, seria a capacidade de apresentar e interpretar as coisas a partir de uma determinada maneira: um ponto de vista, entendimento, pensamento ou concepção. Repito a pergunta: o que seria, portanto, uma “perspectiva judaica” sobre o Holocausto?

Nada melhor do que o próprio Yad Vashem para responder a essa questão, que envolve ainda fatores geográficos, religiosos e nacionais. Apesar de contar com uma sinagoga com serviços regulares, provavelmente não exista por lá um argumento unânime e talvez nem eles saibam exatamente como responder. Porém, é a partir dessa inquietação que podemos transportar o debate para o Museu do Holocausto de Curitiba, a primeira instituição no Brasil que uniu os eixos de educação, memória e pesquisa com uma proposta museológica permanente sobre esse tema.

Do ponto de vista judaico, quem somos? Por um lado, não fomos concebidos como um “museu judaico” (e há excelentes, como o Museu Judaico de São Paulo) e muito menos como um “memorial”. Por outro, apesar de não-vinculado ao guarda-chuva institucional clássico e federativo das comunidades judaicas no Brasil, o Museu está inserido no coração de um centro comunitário judaico. Sua inspiração e estímulo são judaicos, indiscutivelmente.

O Museu do Holocausto é uma instituição judaica - ligada a Associação Casa de Cultura Beit Yaacov, criado no seio dessa comunidade e que reproduz, de alguma forma, aspirações e interesses coletivos. Mas teríamos, portanto, assim como o Yad Vashem, uma “perspectiva judaica”?

A resposta não é elementar. Pensando em quesitos históricos, conceituais, morais, culturais e sociais, partimos de premissas judaicas (e não-judaicas) para atingir e transformar toda a sociedade. Nosso olhar não se restringe ou se autorregula nas leis e preceitos derivados das fontes judaicas. Entretanto, o judaísmo (ou melhor, como destacou Albert Memmi, a judaicidade) como identidade e como agregador de uma memória coletiva é a mola propulsora para que nossa mensagem e nossa

missão, a partir de uma museologia social e responsável, se tornem relevantes nos debates públicos que nos dizem respeito.

A partir dessas perspectivas múltiplas e plurais, que estão entrelaçadas num emaranhado de visões particulares e universais que não são lados opostos da mesma moeda, propomos nesse material uma reflexão tanto sobre esses olhares judaicos quanto sobre como essas questões estão materializadas no Museu, em nossa expografia de longa duração e nos projetos diversos. Apresentamos e discutimos sobre as interfaces judaicas que os visitantes se deparam, tanto física quanto conceitualmente.

**“Interfaces judaicas do Museu do Holocausto”** busca não apenas elucidar o público sobre possíveis “curiosidades judaicas” dentro e fora do espaço expositivo. Ao proporcionar um espaço museal contemporâneo voltado ao combate ao ódio e à intolerância a partir da tragédia do Holocausto, o Museu manifesta, por meio deste material educativo gratuito, as conexões e inspirações judaicas que guiam o nosso dia a dia. Estas interfaces nos dão suporte para que o diálogo com a sociedade seja sempre verdadeiro e representativo de quem somos e o que desejamos: educar, lembrar e nunca esquecer.



# O caráter judaico da memória do Holocausto: entre a singularidade e o universalismo

O que há de singularmente judaico e o que é universal no Holocausto? As respostas podem ter várias camadas.

A primeira é factual. Judeus foram, em termos proporcionais, a população mais vitimada pelo regime nazista. Além do genocídio físico, um universo cultural foi praticamente exterminado. Por exemplo, a cultura ídiche do Leste Europeu ou a intelectualidade judaica de língua alemã da Europa Central. Mesmo os sobreviventes reconstruíram suas vidas em outro contexto - aqueles mundos praticamente deixaram de existir. Assim, nada mais justo que judeus possam ter um luto e uma memória especificamente sua, que dê conta de elaborar significados para a perda.

Ao mesmo tempo, sabemos que a Segunda Guerra Mundial, aliando ideologias destrutivas ao aparato tecnológico, causou uma destruição sem precedentes, vitimando milhões de pessoas. Judeus não foram o único grupo populacional perseguido e muito menos o único impactado. A lembrança não pode ser somente judaica. Outros não apenas têm o direito a essa memória, como devem lembrá-la, pois diz respeito a eles.

A segunda camada tem a ver com o impacto do nazismo na história. Judeus não foram somente as principais vítimas em termos estatísticos. A figura do judeu representava, para os nazistas, o seu antagonista máximo. Não é possível compreender esse passado sem abordar o antissemitismo.

No entanto, o nazismo vai muito além da exacerbação do antissemitismo histórico. Ele se ancora sobre contradições e desafios que dizem respeito não somente a alemães e judeus. Os estudos mais recentes sobre nazismo e Holocausto apontam para suas relações com diversas temáticas: colonialismo, teorias raciais, nacionalismos, opressões de gênero, autocracia, entre outros, além de servirem de disparador para grande parte das discussões sobre direitos humanos e genocídios. O nazismo e o Holocausto reconfiguraram a autoimagem do Ocidente e apontam para o dever, ainda inconcluso, de rever pressupostos estruturantes da sociedade.

Nas primeiras décadas após o Holocausto, essas dimensões, judaica e universal, constituíam memórias separadas. Com o passar do tempo, percebeu-se sua indissociabilidade. É impossível analisar o nazismo e seus crimes sem considerar a especificidade do antissemitismo nazista e compreender profundamente o Holocausto sem entender o processo político, as construções ideológicas e antecedentes históricos.

**O que define um evento histórico como judaico?**

Mas há uma terceira camada, mais complexa e subjetiva. Afinal, o que define algo - um evento histórico, um objeto de exposição etc. - como judaico?

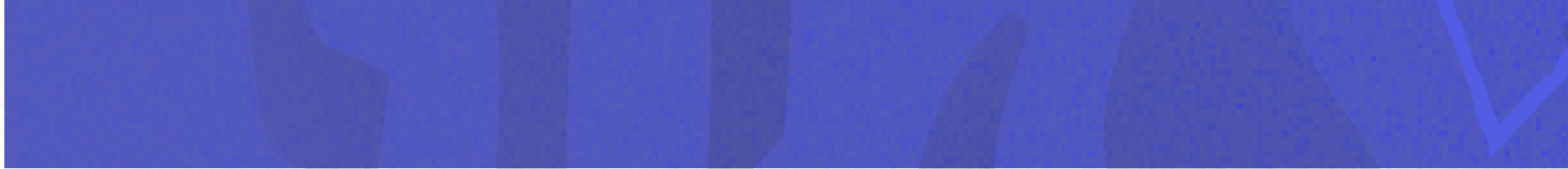
Durante a maior parte de sua história, grande parcela do povo judeu viveu como minoria espalhada em meio a outras culturas. E a identidade judaica permaneceu existindo

Uma explicação possível é que a marginalização (provocada por outros ou autoimposta) fez com que a sociabilidade judaica permanecesse endógena. Essa explicação - mais factualmente correta para alguns contextos do que para outros - aponta para "como" a identidade judaica continuou existindo. Mas não o porquê. A resposta, paradoxalmente, reside não na reclusão, mas na abertura às trocas culturais.

Como aponta o sociólogo Bernardo Sorj, a sobrevivência do judaísmo dependeu de um "nomadismo metafórico" que o faz capaz de "viajar" entre culturas, absorvendo algo de todas sem deixar de ser o que é. Essa capacidade de constantemente se atualizar e incorporar novos elementos é o que fez com que não somente os judeus seguissem existindo, mas a judeidade seguisse relevante para os judeus a cada novo contexto, fornecendo uma base para responder e agir perante novos desafios.

Consequentemente, a judeidade é sempre uma identidade que Jeffrey Lesser chamaria de "hifenizada" (muitas vezes com mais de um "hífen"), necessariamente em diálogo com outras.



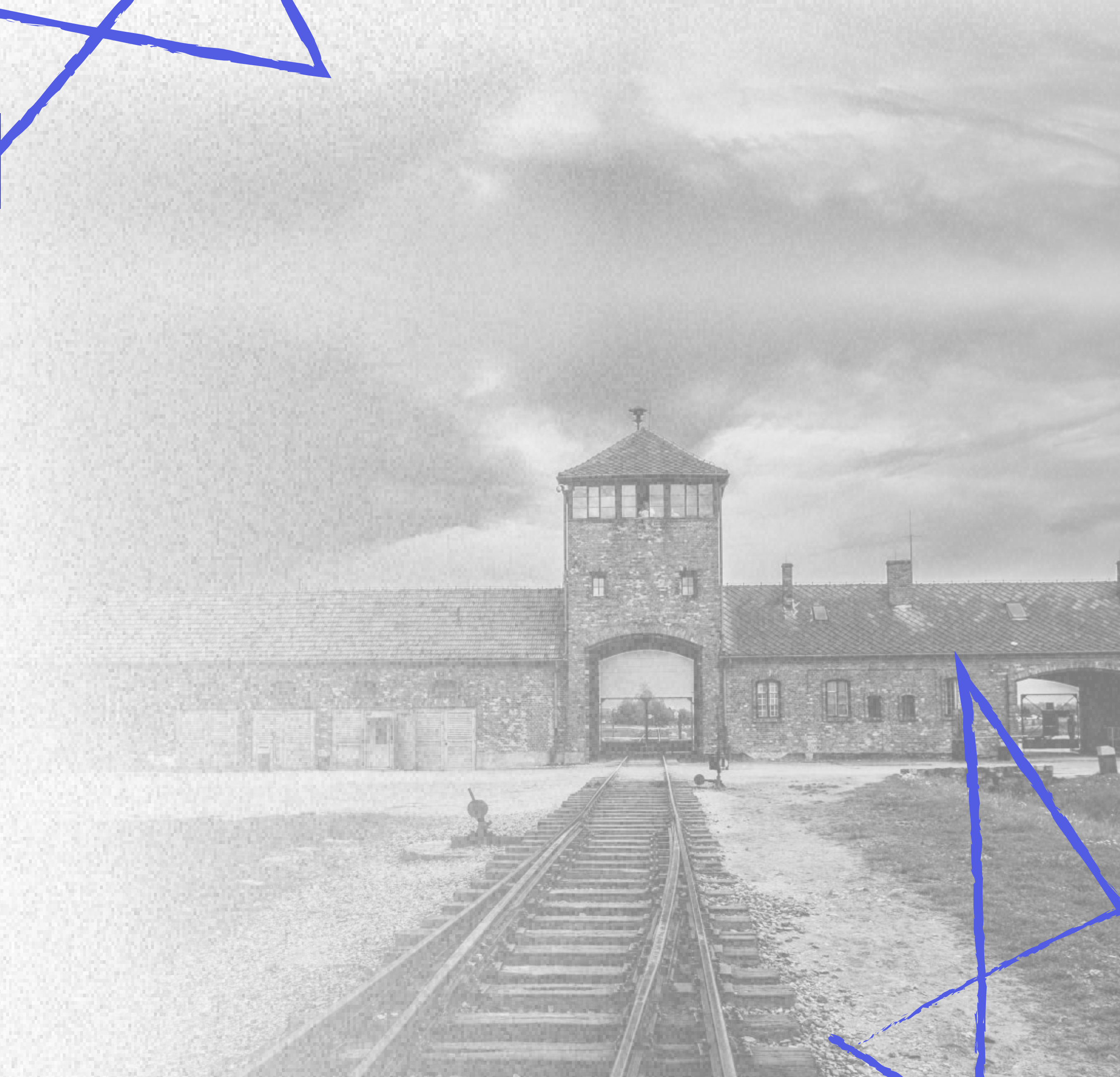


Seria possível haver algo, então, puramente judeu? A essência da judeidade é rejeitar que pode haver uma essência, é sempre reinventar a si na experiência da alteridade. De fato, nenhuma cultura é pura. Mas o caso judaico deixa isso escancarado e aponta que identidades imutáveis são, não só no caso dos judeus, sempre uma ficção.

Na era dos nacionalismos, isso era intolerável. Se o esperado é a lealdade a uma só identidade, o judeu cosmopolita e desenraizado, como diria Michael Löwy, era associado a uma ameaça estrangeira, um parasita traidor que corrompe a nação e a raça, e trama contra a ordem. Essa acusação foi um elemento importante, por exemplo, do caso Dreyfus e mesmo do Holocausto. Na contemporaneidade, ainda há antissemitas que veem no judeu (um singular que representaria todos os judeus) uma única coisa. E, como resposta, também judeus que tentam abraçar integralmente uma identidade fixa.

Mas o que pode ser fonte de tensão e perseguição também pode e deve ser abraçado como uma virtude e inspiração para o habitar no mundo. Precisamente por ser sempre mais de uma coisa, por pertencer a muitos grupos e nunca exclusivamente a um, o melhor da tradição judaica tem o potencial de subverter identidades homogeneizantes, desintegrar ilusões de pureza e gerar laços de solidariedade com o Outro. Precisamente porque o Eu judeu é também um Outro não-judeu. E essa é uma via de mão-dupla. Se o judeu é sempre algo mais, há algo de judeu também nesse Outro não-judeu.

Os judeus vítimas do Holocausto foram perseguidos por serem judeus, e nada mais. Então essa memória é certamente judaica. Mas o judaico não é apenas judaico. Há algo judaico e universal na memória do Holocausto, mas tentar estabelecer fronteiras entre eles não só é impossível como ignora talvez sua principal lição: que a pluralidade de uma sociedade é algo que a enriquece e que estamos todos entrelaçados uns aos outros pelo caráter híbrido de nossas identidades.



## Shoá e Holocausto: uma reflexão sobre conceitos

Um conceito é aquilo que é concebido em pensamento sobre algo e materializa uma maneira como pensamos acerca de um assunto. Corresponde à formulação de uma ideia que nos ajuda a compreender um determinado objeto ou fenômeno. Na prática, como destacou o filósofo francês André Comte-Sponville, “o conceito é uma ideia abstrata, definida e construída com precisão”. Ele é, portanto, concebido por meio de uma **construção**.

Cada conceito é construído dentro de um arcabouço cultural específico, a partir de referências próprias, que nos leva a reflexões mais profundas sobre a “História dos Conceitos” - abordagem proposta pelo historiador alemão Reinhart Koselleck, que parte da premissa que existe uma relação visceral entre linguagem e História. Também o campo da Antropologia se dedica a refletir sobre a escolha de palavras, que revela não o uso descomplicado de um signo linguístico, mas de influências culturais, sociais e políticas definidoras para esses conceitos. Conceitos são sempre tentativas humanas e, por isso, parciais de representar algo.

Essas discussões teóricas nos levam a pensar sobre determinadas palavras (transformadas em conceitos) que podem representar, mesmo que de forma insatisfatória, um evento histórico - no caso, os crimes cometidos pelos nazistas e seus colaboradores contra o povo judeu. Shoá e Holocausto, por exemplo, são conceitos que ultrapassam os arquétipos e modelos conceituais genéricos como o de genocídio e, hoje em dia, são os

termos mais usados para se referir a este acontecimento. São sinônimos? Por um lado, do ponto de vista semântico, podem ser usados sem alterar o significado de uma sentença. Por outro, denota uma escolha léxica de cunho cultural e político.

Não é o objetivo desse texto fazer as distinções teóricas e apontar as diferenças nas implicações práticas - para isso, a bibliografia desse material e as buscas simples em fontes confiáveis podem plenamente responder. A questão está no exercício de escolha entre eles; e o que nos faz escolher repetidamente entre “Holocausto” ou Shoá é mais do que suas conotações, origens ou etimologias. Seus usos contemporâneos são frutos da construção da memória desse evento histórico e dizem respeito ao presente, não ao passado. Em outras palavras, optar entre os dois termos é um exercício que pressupõe como lidamos hoje com essa memória em construção e que tipo de resignificação somos capazes de edificar atualmente. Essa decisão vai muito além de sabermos sobre a conotação divina da palavra “Holocausto”, que empresta um caráter passivo, submisso e voluntário à morte, ou do esvaziamento do lastro religioso do termo Shoá por parte dos historiadores.

Um olhar judaico sobre essa tragédia (ou Churban, “destruição”, outro termo usado para se referir ao mesmo evento) nos levaria instintivamente a optar pelo uso da palavra Shoá em detrimento a “Holocausto”. E por que deveríamos? Por se tratar apenas de uma palavra na



língua hebraica? Para alguns, esta escolha em função do idioma reforça a singularidade e o vínculo identitário judaico tanto com o acontecimento quanto com sua memória, independentemente do significado. Seria uma escolha natural, alheia a intenções e a implicações. Para outros, seria justamente uma palavra estrangeira, *Shoá*, a responsável por dar um caráter universal de catástrofe humana, levando à possibilidade de transmissão de valores que atinjam muito além do povo judeu.

O mesmo pode ser discutido com a palavra "Holocausto": por que não faria sentido usá-la num ambiente judaico? Pelo fato de supostamente não evocar uma memória coletiva judaica? Pelo uso dela para se referir a outros eventos? Importante recordar que "Holocausto" é uma tradução grega da palavra

hebraica *olah*, que significa estritamente "algo que sobe" e que, nesse contexto, se refere às ofertas de sacrifício comunitário e individual por meio do fogo, comuns na época dos Templos. *Olah* (original do grego "Holocausto") e *Shoá* são ambas palavras em hebraico que constam da *Torá*, parte do Velho ou Antigo Testamento. Se usássemos *Olah* ao invés de Holocausto, estaria sanado esse falso incômodo?

Em suma, a despeito da longa tradição secular do uso do termo "Holocausto" e do caráter exterior de *Shoá*, fato é que nenhum deles espelha automática e plenamente o que seria uma natureza judaica. Ambos os conceitos bíblicos têm suas limitações e podem ser usados em contextos variados, judaicos ou não, com a devida consciência do interlocutor sobre seu público e seu propósito. Não há erro ou sacrilégio em optar por um ou outro, seja ele dentro ou fora de ambientes judaicos.

Até porque o Museu do Holocausto de Curitiba não se chama Museu da *Shoá* de Curitiba - assim como instituições similares nos Estados Unidos. Outros, como o *Mémorial de la Shoah* em Paris e a *Fondazione Museo della Shoah* em Roma usam o termo. E o *Yad Vashem*, em Jerusalém, nossa grande referência museal, não usa nenhum deles como nome.

O que importa é a consciência na escolha, a compreensão do propósito ao optar por um ou por outro conceito e a percepção de que nenhum deles é pleno ou sintetiza, por si só, um olhar particular judaico ou universal. Todos são frutos de uma construção humana que alcança o tempo presente. Eles carregam traços culturais importantes e que podem ser potencializados em quaisquer perspectivas, inclusive a judaica.





# No coração do judaísmo

Rabino Pablo Berman

No coração do judaísmo, o *Shabat* é celebrado como um dia sagrado, um momento em que o tempo se transforma em um santuário, um “palácio no tempo”, segundo as palavras do sábio Abraham Joshua Heschel Z”L (1907-1972). Neste dia, o povo judeu se retira do mundo cotidiano em busca de uma conexão mais forte e profunda com o divino, uma experiência de eternidade no fluir temporal. Este santuário temporal convida à contemplação, à oração e à celebração da vida.

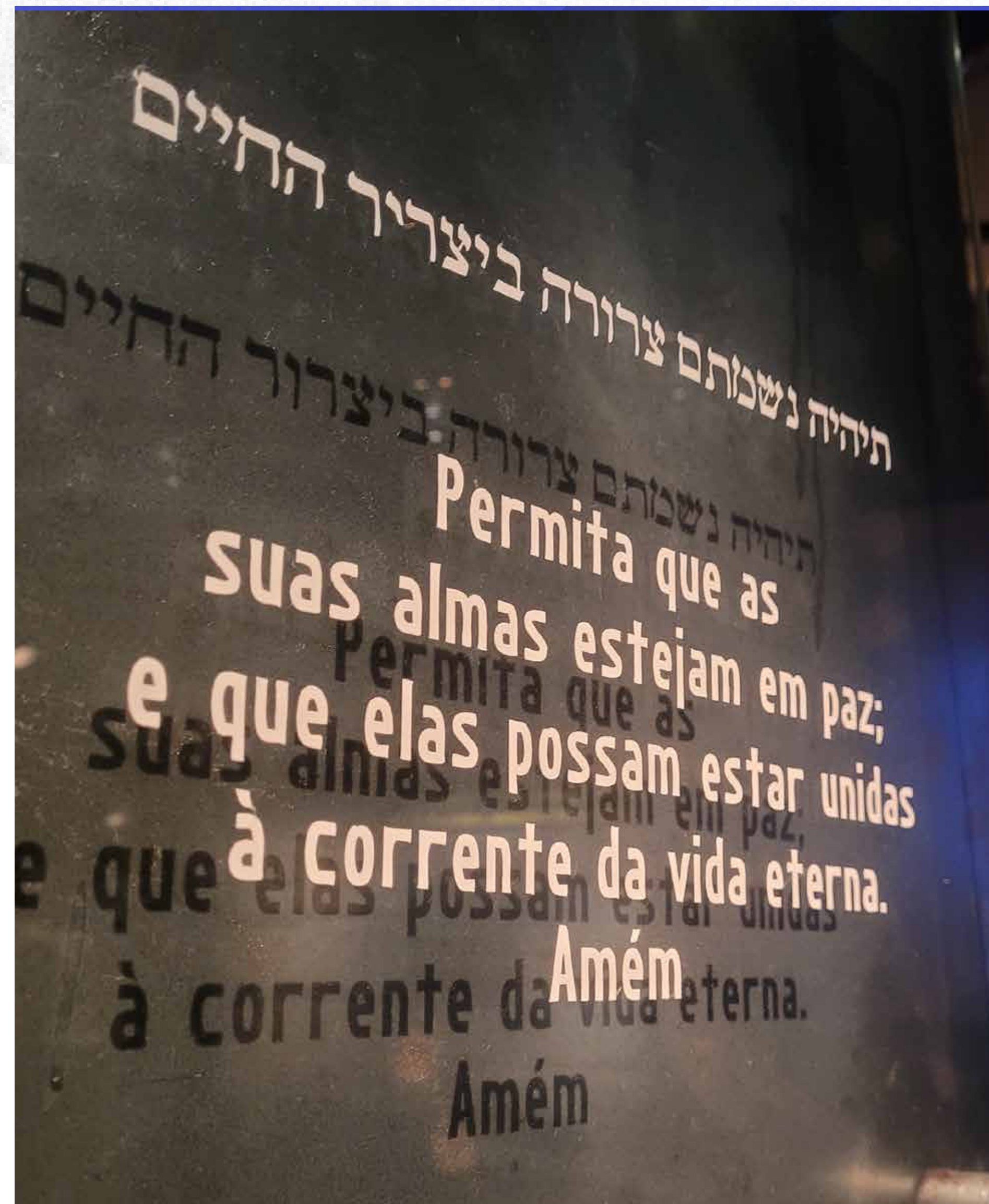
De maneira similar, nos recantos mais sombrios da história humana, encontramos lugares que atuam como palácios no tempo, lembretes eternos dos horrores e tragédias que a humanidade enfrentou durante séculos. Entre estes, destacam-se os museus que recordam o Holocausto, onde a memória dos seis milhões de judeus mortos durante a *Shoá* é preservada em cada testemunho, em cada objeto e em cada relato.

Os objetos exibidos em um museu do Holocausto têm um significado poderoso na vida judaica. Muitos deles são objetos cotidianos, como *tefilin*, *mezuzot*, candelabros e outros elementos rituais que as pessoas tinham em seus lares antes, durante e depois da tragédia. Estes objetos, símbolos da vida judaica e de sua conexão com a tradição e a fé, adquirem um novo significado no contexto do Holocausto. Representam a resistência e a perseverança do espírito judaico frente à perseguição e à opressão, bem como a esperança de um renascimento e uma renovação futura.

Assim como no *Shabat*, em um museu do Holocausto, o tempo se detém. Aqui, os visitantes são convidados a cruzar um limiar para um espaço onde a História se torna presença, onde as vítimas do Holocausto são mais do que nomes em uma lista de vítimas. São seres vivos cujas vidas e sofrimentos são lembrados com grande respeito e reverência.

Assim como o *Shabat* oferece um refúgio no tempo para a comunhão com o divino, um museu do Holocausto oferece um refúgio na história, um lugar onde as gerações presentes e futuras podem lembrar, aprender e honrar. Em ambos os espaços, encontramos o convite à presença do sagrado. Ambos nos lembram da importância da memória, da compaixão e do compromisso com um mundo mais justo e humano.

\* Pablo Berman é rabino da Comunidade Israelita do Paraná (*Kehilá*), em Curitiba, desde 2009. Cursou seus estudos rabínicos no Seminário Rabínico Latino-americano Marshall T. Meyer, em Buenos Aires, e no Machon Schechter, em Jerusalém.



## Uma pedrinha sobre a lápide

Pedras têm uma grande importância para o povo judeu. Nesse caso, é comum que elas fiquem disponíveis em todas as quadras dos cemitérios judaicos para que os visitantes possam demonstrar respeito e honra à memória dos que se foram. E não à toa, o ato de colocar uma pedrinha sobre uma lápide cenográfica foi escolhido pela curadoria do Museu do Holocausto como uma proposta interativa de homenagem àqueles que não sobreviveram à barbárie nazista.

Colocar pedras sobre túmulos é um antigo costume judaico. Esse gesto remete à passagem bíblica do sepultamento da matriarca Rachel pelo marido Jacob, quando cada um dos filhos deixou uma pedra sobre seu túmulo. Este é um sinal de que a memória da pessoa ainda vive, assegurando que os mortos não serão esquecidos e que a sepultura não será profanada.

Ao depositarem pedras nas lápides, os judeus mostram publicamente que aquele ente querido foi lembrado e suas memórias estão preservadas, assim como “garantem” que suas almas permaneçam onde elas devem ficar. Significa que a alma continua com uma tênue ligação com o corpo que está enterrado. Familiares e amigos, também para mostrar que lá estiveram, deixam uma pedrinha.

Pedras carregam um fator de eternização. Elas duram muito mais do que flores, que representam vida e alegria, e não devem fazer parte das visitas aos entes que partiram. Mesmo em velórios, não faz parte da tradição judaica adornar o ambiente com arranjos floridos.

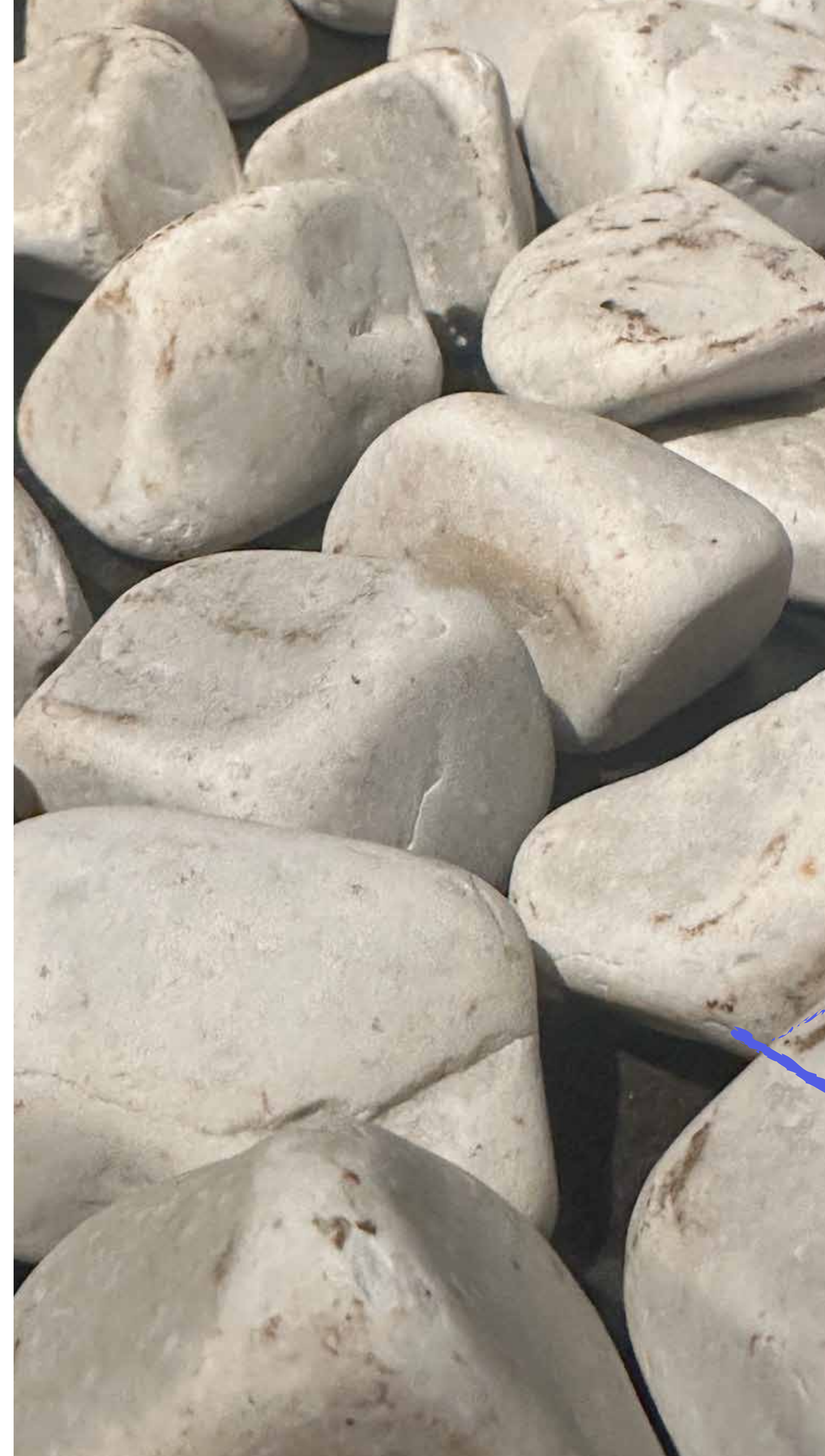
Memórias, assim como pedras, são duradouras, especialmente as daqueles que amamos.

Além disso, a tradição judaica frisa a igualdade entre todos os seres humanos em sua morada final. O respeito se dá por meio da simplicidade: sem ostentação; sem enfeites; sem flores. *“Na morte, rico e pobre se encontram, pois ambos foram criados por Deus”* (Provérbios 22:2).

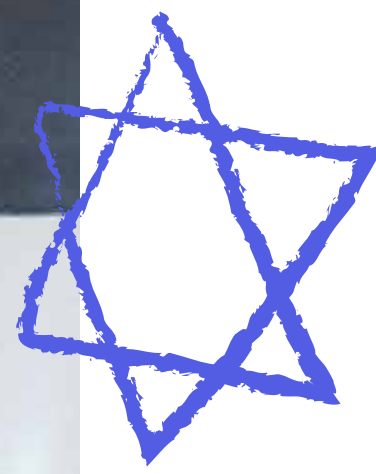


cena final do filme  
*“A Lista de Schindler”*

<https://www.youtube.com/watch?v=7z2lgnq93nE>



# A Estrela de David como símbolo judaico



A logomarca do Museu do Holocausto tem, em sua iconografia, uma estrela de seis pontas estilizada que é formada por pequenos pontos, os quais vão aumentando em forma e quantidade, de baixo para cima. Esta estrela de seis pontas (hexagrama), feita a partir de dois triângulos entrelaçados, é uma referência importante tanto para o povo judeu quanto para a memória do Holocausto.

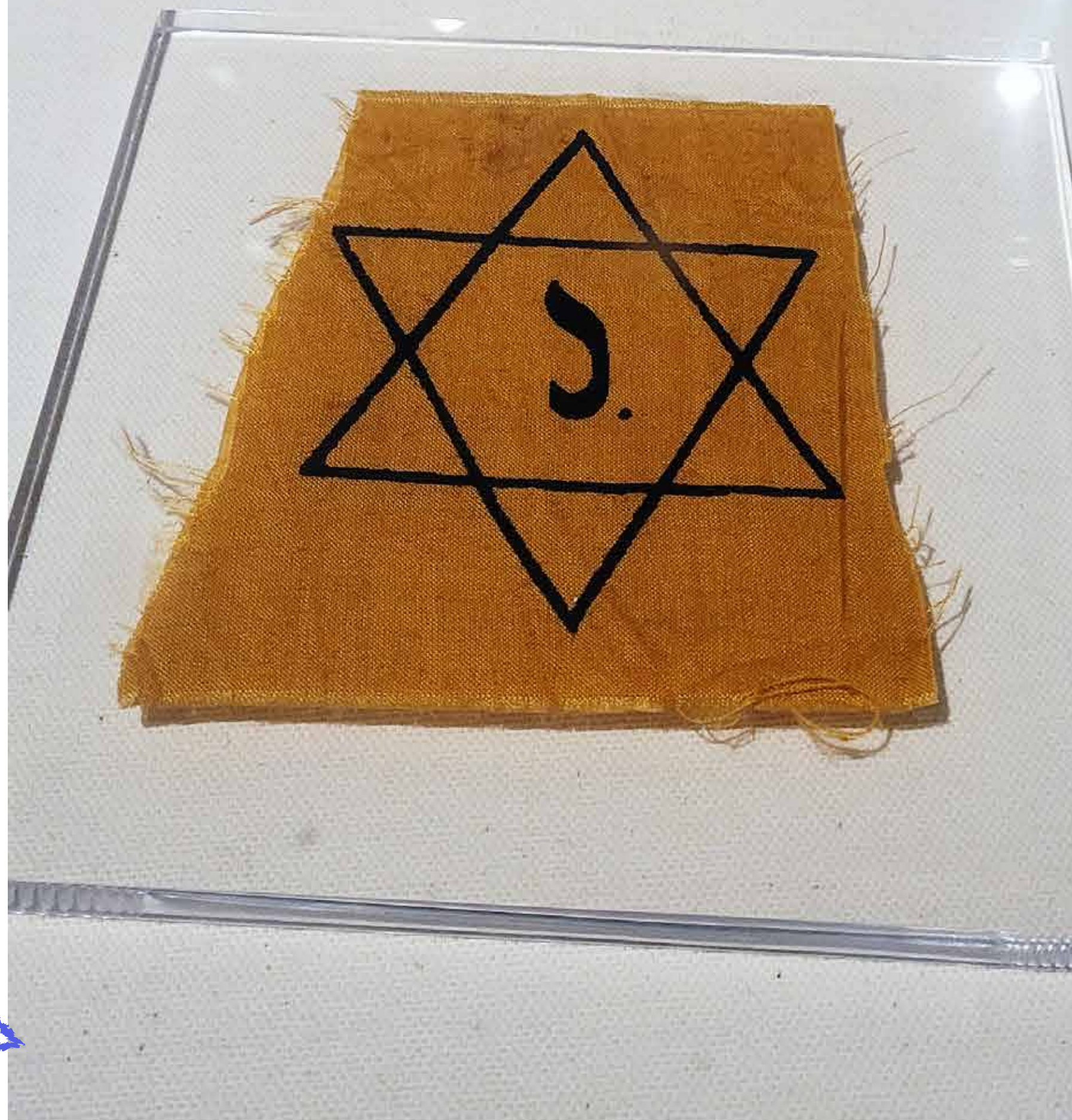
Originalmente, seu nome hebraico (*Maguen David*, literalmente "Escudo de David") referia-se poeticamente a Deus e reconhece que o Rei David, considerado também um herói militar, não venceu suas batalhas pela própria força, mas por Seu apoio. Os historiadores não sabem dizer onde e como o símbolo foi criado. Acredita-se que ele era desenhado ou encravado sobre os escudos dos guerreiros do exército do rei David com o intuito de atrair a proteção divina. Uma das versões da origem se refere às três letras do alfabeto hebraico usadas para escrever "David" (*Dalet, Vav e Dalet*), que formavam uma espécie de estrela ao serem sobrepostas.

Com o passar das gerações, a estrela ganhou novos significados. Um deles seria de que as seis pontas simbolizariam o governo de Deus sobre o universo em todas as seis direções. O âmago interior representaria a dimensão espiritual, cercada pelas seis direções universais. Na Cabala, o misticismo judaico, os dois triângulos representam a dicotomia inerente no homem: bem versus mal, espiritual versus físico. Os dois triângulos podem também representar o relacionamento recíproco entre o povo judeu e Deus.

O triângulo apontando "para cima" simboliza nossas boas ações que ascendem ao céu, e então ativam um fluxo de bondade, simbolizado pelo triângulo apontando para baixo. Os doze lados da estrela podem também representar as doze tribos de Israel.

No século XVII, a Estrela de David foi consagrada como símbolo oficial da comunidade judaica de Praga. Dois séculos mais tarde, passou também a representar o judaísmo da mesma forma que a cruz simboliza o cristianismo. Até que, no fim do século XIX, foi escolhida como símbolo do movimento sionista e de sua primeira bandeira, transformada mais tarde na bandeira do Estado de Israel.

Símbolo reconhecido da identidade judaica moderna, a Estrela de David foi transformada pelos nazistas numa insígnia de discriminação, inclusive nos guetos. Seu uso obrigatório não apenas identificava, humilhava e segregava os judeus, mas também facilitava o policiamento das leis raciais e as deportações aos campos de concentração e extermínio. A prática, inspirada nos emblemas medievais da vergonha, foi um elemento-chave para o plano de aniquilamento da população judaica.



# Chai: judaísmo e vida

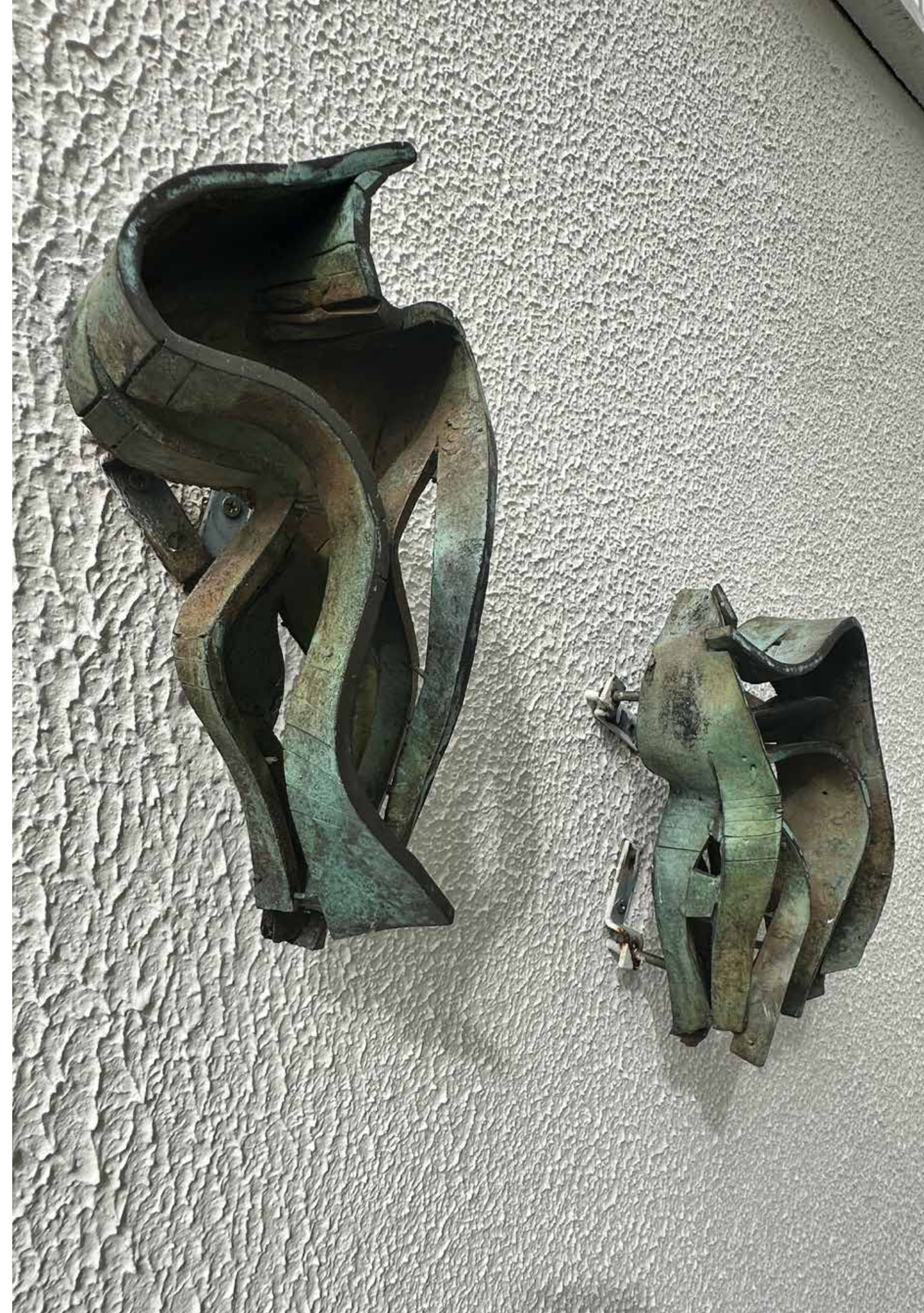
Ampliar o valor e a importância da vida a partir da tragédia do Holocausto também são passos determinantes para dar sentido ao genocídio e criar as principais lições educativas. Há décadas, existe um esforço para transformar o viés da morte, primeira referência que ocupa a mente e a imaginação daqueles que não viveram esse período histórico, pela perspectiva da vida.

Uma das formas utilizadas pelo Museu do Holocausto, além de personificar o genocídio e ressaltar as histórias de resistência e resiliência em detrimento da morte, é o uso da palavra *chai* (lê-se "rrái"). O *chai* é um símbolo judaico representado pelas letras do alfabeto hebraico *chet* e *yud* e significa "vivo". Uma versão estilizada pode ser vista numa obra de arte logo na entrada do Museu. Criada em 1999 pelo artista Andrew Rogers e localizada originalmente em Melbourne, na Austrália, o item materializa a visão do Museu em pautar a tragédia pelo olhar das vítimas e a partir de suas vidas, e não de suas mortes.

A Gematria, que analisa as palavras bíblicas atribuindo um valor numérico definido a cada letra, aponta que a palavra *chai* é equivalente ao número 18, motivo pelo qual esse é considerado um número marcante no judaísmo. Há também uma importante oração hebraica chamada *Shemoná Esré*, que significa "dezoito", e enumera as bênçãos. Logo na primeira sala do Museu do Holocausto, ao lado da porta de entrada, existe na parede o número 18.

A proteção da vida é considerada um dos princípios fundamentais do judaísmo. Como tal, o símbolo *chai* pode ser encontrado, nos contextos judaicos, desde a arquitetura a pinturas, joias e objetos sagrados. No entanto, seu uso como sinal visual pode ser rastreado até à Espanha medieval. O símbolo também foi usado como amuleto na Europa Ocidental a partir o século XVIII. No geral, o *chai* serve como um lembrete para viver e proteger a vida. Seu significado é evidente nas leis judaicas, na qual a vida é inclusive mais importante do que os mandamentos e as tradições estritas.

Como destacado por Aleksander Laks Z"L, sobrevivente e ícone da preservação da memória da Shoá, em uma das centenas de entrevistas e depoimentos que nos proporcionou, a "vida" é o que existe de mais precioso. Ele disse: "o que me permitiu suportar foi o amor à vida. Vi tantas mortes, a morte estava com tanta força ao meu redor, que dei mais valor à vida. Quero mostrar que o espírito não pode ser quebrado com a violência. Ao falar da morte, eu celebro a vida".



# Qual trecho da *Torá* aparece no pergaminho exposto no Museu?

O pergaminho em exposição no Museu do Holocausto pertenceu a uma sinagoga destruída durante a Noite dos Cristais, em 9 de novembro de 1938. Ele traz um trecho do livro bíblico de *Bamidbar* (em português, “No Deserto”), mas conhecido e denominado em língua portuguesa de “Números”. Esse livro, no geral, narra a história da jornada do povo de Israel pelo deserto, iniciada no monte Sinai até o Rio Jordão. Ele serve como diário da longa viagem dos israelitas após o êxodo do Egito.

O nome em português (“Números”) refere-se aos censos, que são relatados nos capítulos 1 (primeira geração) e 26 (segunda geração). Por esse motivo, ele é também conhecido, em hebraico, como *Chumásh Hapekudím*, ou Livro dos Censos. É justamente um trecho do capítulo 26, que descreve a segunda contagem dos filhos de Israel, que é exibido no Museu do Holocausto. Nele, toda a geração do primeiro censo havia morrido, com exceção de Josué (Yoshua), Calebe e Moisés (Moshe).

Importante destacar que, entre os capítulos 13 e 14, há uma transição de foco do texto, da primeira para a segunda geração. A primeira geração, incrédula, não seguiu a Deus no deserto (Nm 1.1-25.18), mas a segunda, fiel, O seguiu voluntariamente até a Terra Prometida (Nm 26.1-36.13).

O segundo censo, descrito no capítulo 26, foi realizado nas campinas de Moabe, junto ao rio Jordão, na altura de Jericó. Ao lado de Eleazar, filho de Arão (Aron), Moshe fez a contagem seguindo as orientações de Deus, incluindo os Levitas, excluídos do primeiro censo. A segunda contagem, que foca nos israelitas acima de 20 anos capazes de irem à guerra, traz a quantidade de membros das famílias de cada tribo, dando uma noção a Moshe do tamanho do povo.

Talvez não seja por acaso que justamente este pergaminho, contendo o exato capítulo e versículos do livro de “Números”, chegou a Curitiba por meio do museu Yad Vashem, em Jerusalém. Este trecho bíblico descreve minuciosamente uma contagem de pessoas, numerando-as em subgrupos e dando exemplos de nomes, profissões e atribuições. Guardados os contextos e as devidas proporções, o Museu do Holocausto tem como um dos seus pilares educativos personificar as vítimas do genocídio cometido pelos nazistas e seus colaboradores, contando aos visitantes histórias pessoais e únicas. Dessa forma, é deixada em segundo plano a massificação provocada quando são citados somente os números de pessoas discriminadas, perseguidas e assassinadas.





## Outras peças judaicas no acervo do Museu

O acervo do Museu do Holocausto está em constante construção e é formado por doações e empréstimos (comodatos) de objetos, documentos, passaportes e afins, sempre ligados ao tema e preferencialmente relacionados às vítimas. Muitos desses objetos são vinculados a rituais, liturgias e celebrações judaicas. Seleccionamos alguns que não estão na exposição de longa duração e, conservados, ficam à disposição dos diversos projetos educativos do Museu.

### Chanukiá:

A *chanukiá* é um candelabro de nove braços, usado durante os oito dias do feriado judaico de *chanuká*, também chamado de Festa das Luzes. Nesta celebração, que costuma cair no mês de dezembro do calendário gregoriano, os judeus de todo o mundo comemoram a libertação do Templo de Jerusalém do domínio dos selêucidas no século II antes da Era Comum, sob a liderança dos Macabeus, e o milagre do azeite que havia numa botija - que duraria um só dia e que queimou no candelabro do Templo por oito dias. Este número é o motivo dos nove braços da *chanukiá*, sendo o braço do meio, mais proeminente, denominado *shamash* (servente), pois a vela que é colocada neste braço é usada para acender as velas que são colocadas nos outros oito.

Esta *chanukiá* pertenceu à família dos pais de Isaac Cubric Z"l (1938-2016), que viviam na pequena cidade de Otaci, na região da Bessarábia, hoje Moldávia. Fundada no século XV, Otaci passou do Império Otomano ao Império Russo no século XIX (com o nome Ataki) e, na década de 1890, tornou-se um vilarejo com maioria de população judaica. Em abril de 1918, durante as últimas fases da Primeira Guerra Mundial, tornou-se parte da Romênia. Em 1940, como consequência do Pacto Ribbentrop-Molotov, o Exército Vermelho a incorporou a URSS. Em 1991, passou a fazer parte da Moldávia.

A família Cubric imigrou para o Brasil na década de 1930 e trouxe consigo esta *chanukiá*. Outros familiares ficaram em Otaci e foram exterminados durante a Shoá. Membro da comunidade judaica, Isaac Cubric foi secretário da B'nai B'rith no Paraná e diretor do Centro de Letras do Paraná. Trabalhou na representação diplomática de Israel no Rio de Janeiro, transferindo-se para a Agência Judaica. Foi também presidente do Rotary Club de Curitiba Santa Felicidade. Isaac faleceu em 2016, aos 78 anos.



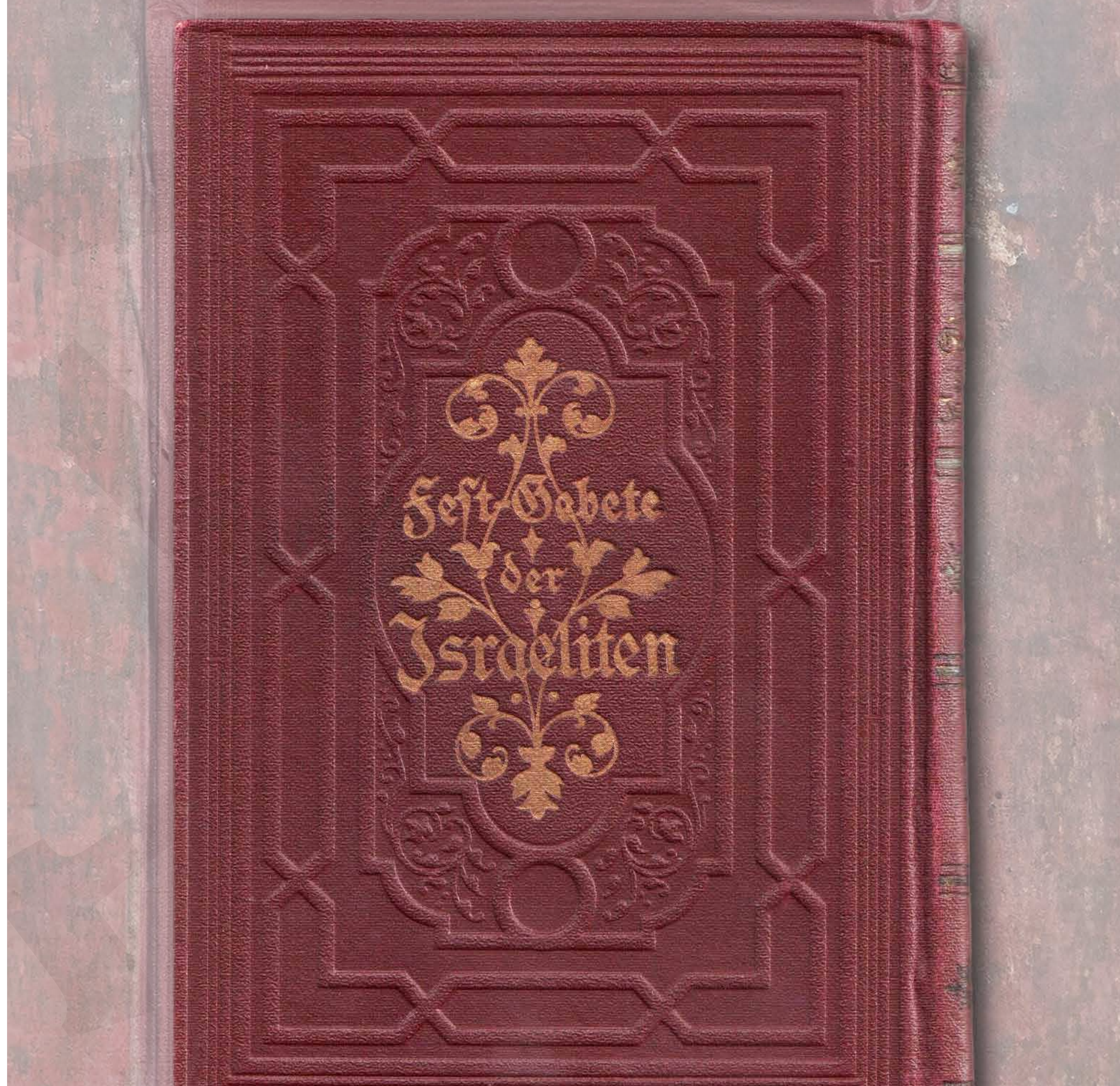
## Machzor:

O *machzor* (lê-se "marrzór") é um conjunto de livros de liturgia judaica usado durante as festas judaicas de *Rosh Hashaná*, *Yom Kipur*, *Sucot*, *Pessach* e *Shavuot*. O *machzor* costuma ser mais longo que o *Sidur*, que é o livro de rezas utilizado nos dias de semana e no *shabat*, o sábado. As preces que encontramos no *machzor* foram compostas por profetas e sábios, e seus temas refletem o espírito e propósito de cada data sagrada do calendário judaico.

Este *machzor* foi publicado na Áustria, no fim da década de 1920. A obra faz parte de um conjunto total de nove volumes (segundo inscrição "*Ausgabe in neun Teilen*"), sendo que os volumes I, II e IV foram doados ao Museu do Holocausto de Curitiba por Manuel Piterman. Este volume do *machzor* é denominado *Für den zweiten Tag des Neujahrsfestes* ("Para o segundo dia de Ano Novo" - judaico).

Esta edição, organizada e traduzida por S. G. Stern, começou a ser publicada no fim do século XIX e teve várias reedições. O livro contém a liturgia em hebraico e, ao lado, a tradução para o alemão - pois era este o idioma que a maioria dos judeus austríacos melhor dominava -, sinalizando um distanciamento em relação ao rito ortodoxo.

A obra pertenceu a Julio Leo Tisser Z"l (1904-1984), nascido em Viena, ainda Império Austro-Húngaro. Filho de Israel Jaime e de Lea Fuchs Tisser, Julio chegou ao Brasil em 1938 e fixou-se em Cruz Alta, no interior do Rio Grande do Sul. Foi casado com Wicie Nerfin Tisser, teve três filhas e faleceu em Porto Alegre, em 1984.





## Talit:

O *talit* é um dos símbolos e elementos mais característicos da tradição judaica. É um manto de oração usado por aqueles que passaram a idade da maioridade religiosa: os meninos a partir do *Bar Mitzvá*, com 13 anos e, em muitas congregações, as meninas a partir do *Bat Mitzvá*, aos 12 anos. Ele tem origem num dos mandamentos bíblicos contidos no livro dos Números, o qual instrui o indivíduo a usar franjas nos quatro cantos da veste exterior.

Elas têm função de sinal para a memória e a lembrança. Uma espécie de “lembrete” visível do dever de observar fielmente todos os 613 mandamentos da Torá. São sinais para que se lembre e se tome consciência das ações que a tradição judaica sugere para cada um, para agir no mundo e torná-lo melhor. Envolver-se com o *talit* é envolver-se com o sistema ético dessa tradição. É como se o povo judeu se abraçasse, compartilhando um conjunto de valores.

Este *talit* pertenceu a David Lorber Rolnik, que o trouxe ao Brasil numa bolsa de seda bordada, como bagagem de mão. Ao lado da esposa Malka e de seus dois filhos, Davi reconstruiu sua vida em Ponta Grossa, no Paraná. Nunca se soube se o xale pertencia a ele desde antes de tudo acontecer. Pode ser que tenha sido presente de casamento do tio. Mas o *talit* o acompanhou até o fim da vida, em 2008. Dois dos seus três filhos, que doaram a peça ao Museu do Holocausto de Curitiba, vivem na capital paranaense e lançaram, em 2012, o livro “As catorze vidas de David”.





## Livro de rezas "Rav Pnanim"

Este livro judaico de rezas (*sidur*) chamado "Rav Pnanim" pertencia a Chaya Kulisz Z"l (1894-1970), mãe de Bunia Finkiel Z"l (1922-2018), e ficou em seu poder durante os 495 dias em que se escondeu da perseguição nazista com a família, num buraco em uma fazenda no interior da Polônia. O livro, escrito em iídiche, foi editado em 1916 pelo Hebrew Publishing Co. em Nova York, e foi trazido por Chaya a Curitiba. Após o seu falecimento, ficou em poder de Bunia, que seguiu a tradição da mãe: escrever na contracapa as datas de falecimento dos seus entes queridos. A obra tem uma compilação de orações e salmos judaicos.

É o livro que guia as orações judaicas. O termo *Sidur* vem da palavra em hebraico *Seder*, que significa ordem. Ou seja, as rezas têm uma ordem e uma intencionalidade. O *Sidur* é um grande guia para percorrer a liturgia, composta por textos de diferentes épocas e fontes, e também para acompanhar o serviço religioso na sinagoga. Ele une os membros do povo judeu, independentemente do lugar em que vivem. Por meio dele, o povo compartilha o espaço das palavras.



## Gmar Chatimá Tová: inscritos no livro da vida

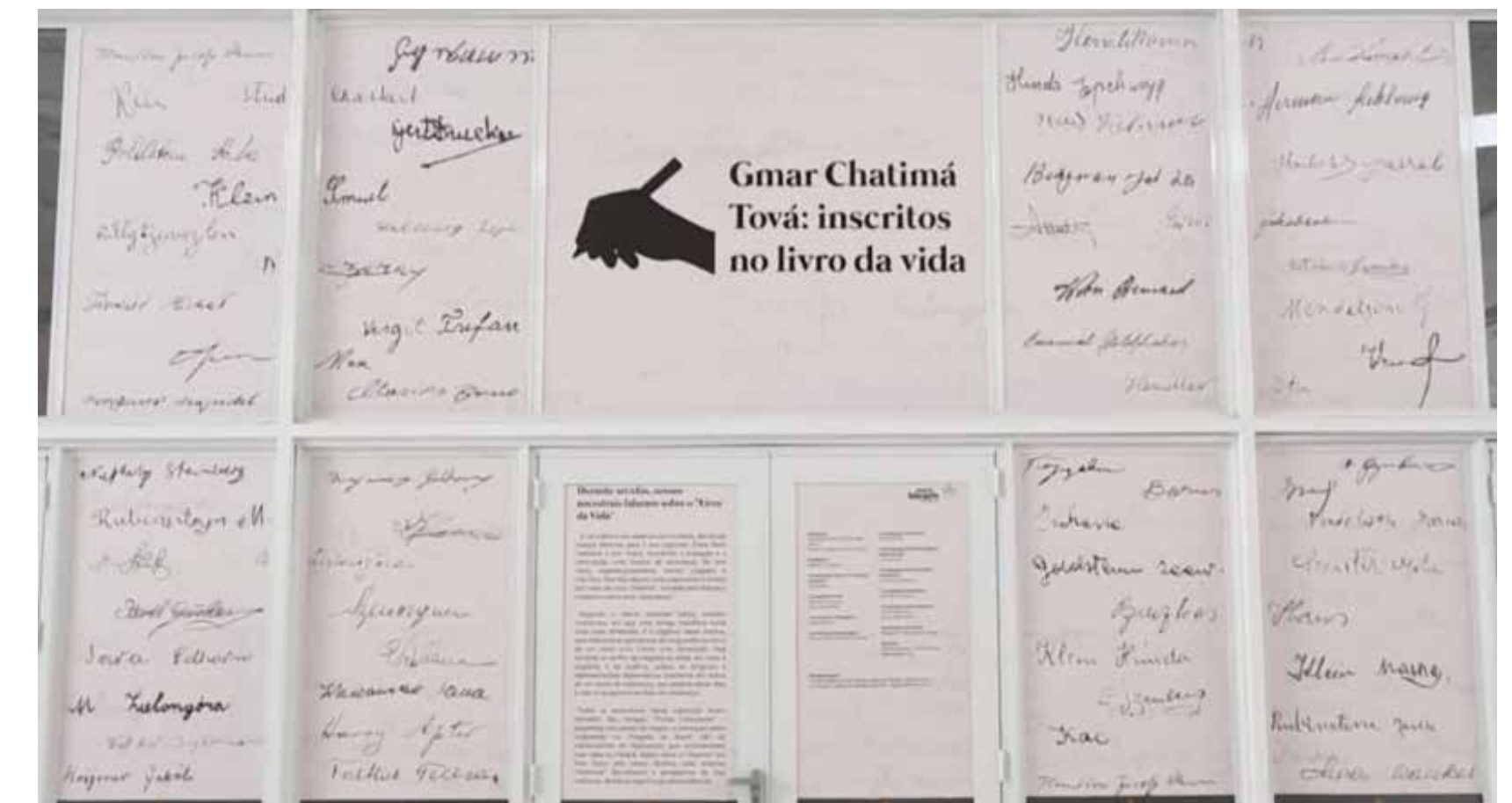
Em 2019, exatamente no período de dez dias entre o *Rosh Hashaná* (Ano Novo judaico) e o *Yom Kipur* (Dia da Expição ou Dia do Perdão), o Museu do Holocausto realizou a exposição temporária **Gmar Chatimá Tová: inscritos no livro da vida** (lê-se "rrratimá"). Em cartaz na entrada da sinagoga Beit Yaacov, em Curitiba, a mostra em painéis foi desenvolvida pela equipe do Museu, com base em documentos pessoais e oficiais de sobreviventes da Shoá que reconstruíram suas vidas no Paraná.

Durante séculos, nossos ancestrais falaram sobre o "Livro da Vida". Deus o abre e nos observa com cuidado, decidindo nossos destinos para o ano seguinte. Entre *Rosh Hashaná* e *Yom Kipur*, os judeus buscam a expiação e a renovação, uma chance de recomeçar. No ano novo, esperançosamente, a tradição judaica ensina que somos julgados e inscritos. Dez dias depois, este julgamento é selado por meio de uma *chatimá*, tomada pelo hebraico moderno como uma "assinatura".

Segundo o rabino britânico Jonathan Sacks Z"l (1948-2020), existem momentos em que uma antiga metáfora toma uma nova dimensão. Este é o objetivo da mostra *Gmar Chatimá Tová*, que relaciona as assinaturas desses imigrantes ao início de um novo ciclo em terras brasileiras. Como uma renovação. Seja durante ou ao fim da tragédia da Shoá, em meio à angústia e ao suplício, judeus se dirigiram a representações diplomáticas brasileiras em busca de um sopro de esperança, que poderia salvar-lhes a vida ou proporcionar-lhes um recomeço.

Todas as assinaturas desta exposição foram retiradas das antigas "Fichas Consulares" - expedidas nos consulados brasileiros dos países de origem e entregues pelos imigrantes na chegada ao Brasil. Assim como a *chatimá* em *Yom Kipur* sela nosso destino, suas próprias *chatimot* (plural de *chatimá*) decretaram a perspectiva de dias melhores no Brasil. Benditas sejam suas descendências.

Essa exposição faz parte do conjunto de mostras itinerantes do Museu do Holocausto. Se deseja levá-la para sua cidade, entre em contato pelo e-mail [exposicoes@museudoholocausto.org.br](mailto:exposicoes@museudoholocausto.org.br)



## Kidush Hachaim e a resistência espiritual durante o Holocausto

Aos 20 anos, a jovem Vladka Meed já era uma experiente mensageira no gueto de Varsóvia, na Polônia ocupada. Dia após dia, arriscava sua vida, palavra com um forte componente ético para todos os judeus então encarcerados. A mãe de Vladka, Hanna Peltel, resistia de outras formas. Apesar da fome extrema e do inchaço nos olhos, escondia a cada semana duas fatias de pão embaixo do travesseiro. Era o pagamento ao senhor religioso que frequentemente dava aulas de *Bar Mitzvá* para Chaim, o irmão mais novo de Vladka. Ele nunca teria sua celebração - Chaim, a irmã Henia e os pais de Vladka foram deportados e mortos no campo de extermínio nazista de Treblinka. Vladka faleceu em 2012, aos 90 anos, nos Estados Unidos.

A partir dos anos 1970, a ideia geral de resistência durante a Shoá (conservar-se firme, não sucumbir, não ceder) ganhou novo significado. Esta década trouxe a percepção de que o *Kidush Hachaim* ("Santificação da Vida") era tão ou mais importante que a *Gvurá* sionista, o heroísmo da resistência armada (e suicida por definição) celebrado pelo Estado de Israel.

A resistência não-armada ligada ao *Kidush Hachaim*, então denominada "resistência espiritual", recebera um valor secundário nas primeiras décadas pós-Shoá, já que o sacrifício e a morte seguiam a linha da ideologia sionista de luta e bravura a qualquer custo. A denominação "espiritual" faz referência ao livro bíblico do profeta *Zechariah* (Zacarias), retirado de um trecho em que Deus conversa com *Zerubavel* (Zorobabel), um líder israelita

que teria organizado o retorno do primeiro grupo de judeus exilados que se encontravam no cativeiro babilônico, no século VI antes da Era Comum: "não por força nem por violência, mas sim por meio do espírito".

No mesmo gueto de Varsóvia onde Vladka Meed e sua família resistiam, o rabino Yitzhak Nissenbaum desenvolveu uma compreensão religiosa da vida por meio do resgate dessa antiga ideia de *Kidush Hachaim* - pouco usada em épocas anteriores, como na Idade Média e até antes da era comum, na luta dos macabeus contra os romanos. Anteriormente, a reação judaica era, em suma, o chamado *Kidush HaShem* ("Santificação do Nome de Deus"). Mas viver, para um judeu, é mais que uma vontade. É um dever.

A retomada recente da noção de *Kidush Hachaim* ajudou a ressignificar o antigo conceito de *Gvurá*, ideia inicial difundida de resistência baseada em "heroísmo" e fruto do imaginário do "novo judeu" construído pela concepção sionista antes, durante e depois do Holocausto. A luta constante contra as impossíveis condições de vida ampliou significativamente a percepção do que sugeria a palavra "resistir" - dentre elas, a fé judaica. Desta forma, o Museu do Holocausto entende a resistência durante a Shoá.



# O que é a Teologia do Holocausto?

Teologia do Holocausto é o nome que se dá ao conjunto de reflexões e tentativas de compreensão do genocídio cometido pelos nazistas e seus perpetradores, que têm impacto nas doutrinas e estruturas das religiões. Pensadores judeus, cristãos e acadêmicos em geral transitam por este campo de pensamento, pouco debatido no Brasil, mas bem fundamentado em Israel, nos Estados Unidos e em alguns países europeus.

O principal responsável por apresentar essa discussão ao Brasil foi o pesquisador, jornalista e filósofo Ariel Fingerman que, em 2008, apresentou sua tese de doutorado na Universidade de São Paulo (USP) sob o título "A Teologia Judaica do Holocausto: como os pensadores ortodoxos modernos enfrentaram o desafio de explicar a Shoá". Em 2012, o trabalho foi adaptado e publicado pela Editora Paulus, "A Teologia do Holocausto".

Apesar da pouca base para considerar esse conjunto de reflexões como "teologia", o termo "Teologia do Holocausto" passou a ser utilizado como designação para as reflexões judaicas sobre o genocídio. Como destacou Fingerman, quase não se percebe a influência de elementos extra-judaicos, como Filosofia, Ciência da História ou Teologia do tipo cristã, utilizando conceitos religiosos clássicos que dialogam primordialmente com a Bíblia Hebraica, o *Talmud* e o pensamento judaico medieval.

Muitas questões foram levantadas por tais pensadores (incluindo nomes proeminentes como Emil Fackenheim, Martin Buber e Eliezer Berkovits), a maioria deles judeus

ortodoxos de variadas correntes religiosas. As perguntas disparadoras podem ser resumidas em "como e onde teria estado Deus durante o Holocausto", se teria "ocultado sua face" ou se a aliança bíblica com o povo judeu teria sido abalada. A base da discussão está nas interpretações de que Deus "oculta sua face", isto é, afasta-se eventualmente dos assuntos mundanos, tanto como punição às transgressões quanto pela própria característica da divindade. Ao mesmo tempo, a tradição judaica aposta num Deus ativo e justo, o que levanta questionamentos sobre seu possível papel. A busca por modelos tradicionais, como o sofrimento do personagem bíblico de Jó e a punição coletiva ligada a Sodoma e Gomorra, por exemplo, também são temas ligados a este campo de debates.

Discute-se ainda sobre a disposição dos judeus em sacrificar suas próprias vidas, conectando a argumentos ligados ao suicídio, ao martírio e à glorificação a Deus; todos eles relacionados ao conceito judaico de *Kidush Hachaim* ("Santificação da Vida"). Outras demandas mais genéricas questionam um possível abuso do livre-arbítrio concedido aos homens (e se seria uma característica absoluta do ser humano) e geram contestações teológicas a respeito do nazismo, do fascismo e até da democracia.

Aspectos mais modernos também são discutidos pela Teologia do Holocausto. Dentre elas, a relação entre a imigração de sobreviventes à Terra de Israel e questões ligadas à redenção e ao sonho messiânico, produzindo

discussões sobre o sionismo e o suposto significado religioso do Estado de Israel. A tese da singularidade absoluta do Holocausto, que gera divergências teológicas sobre comparações da Shoá a outros eventos históricos (e que é um axioma no campo da História), além de discussões sobre a nomenclatura da tragédia, também são temas presentes nesta área.

No que é tratado por especialistas como "Teologia Pós-Holocausto", há uma tentativa de discorrer sobre como as pessoas ainda podem ter algum tipo de fé após o Holocausto. Afinal, é inegável que o nazismo representou, numa perspectiva judaica, uma contestação teológica, ao colocar em questão a ideia de um povo escolhido por suas responsabilidades e amado por Deus. No entanto, representou também um desafio prático, de como seguir adiante após a perda de um terço do povo, que apenas recentemente alcançou os números globais absolutos de sua população de antes da ascensão do nazismo.

O Holocausto provocou uma grande variedade de respostas judaicas, boa parte ligadas à ideia de que a tragédia forneceria provas dramáticas da ação divina na história. Apesar dos inúmeros temas e abordagens, fato é que essa teologia foca não no sofrimento, e sim em reflexões sobre a aliança de Deus com o povo judeu.



# Referências Bibliográficas

## Livros e artigos

**BAUER, Yehuda.** Reflexiones sobre el Holocausto. Jerusalém: Nativ Ediciones/Yad Vashem, 2013.

**BUBER, Martin.** Eclipse de Deus: considerações sobre a relação entre religião e filosofia. Rio de Janeiro: Verus, 2007.

**COHEN-SHERBOK, Dan.** Holocaust Theology - A Reader. University of Exeter Press, Exeter, 2002.

**COMTE-SPONVILLE, A.** Dicionário Filosófico. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

**DANZIGER, Leila.** Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, out. 2007.

**FACKENHEIM, Emil L.** God's presence in history. New York: Harper & Row, 1972.

**FINGUERMAN, Ariel.** Teologia do Holocausto. São Paulo: Paulus, 2012.

**KOSELLECK, R.** Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 134-146, 1992.

**LESSER, Jeffrey.** A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001

**LÖWY, Michael.** Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa central. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

**REISS, Carlos.** Luz sobre o caos: educação e memória do Holocausto. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

**SELIGMANN-SILVA, M. e NESTROVSKI, A. (Org.)** Catástrofe e Representação. SP: Escuta, 2000.

**SORJ, Bernardo.** Meditações político-existenciais 1. In: BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

**UNTERMAN, Alan.** Dicionário Judaico de Lendas e Tradições. Rio de Janeiro: Zahar; 1ª edição, 1992.

**TAL, Mendy.** Os Símbolos do Judaísmo. São Paulo: Kadimah, 2023.

## Websites

**CANAL BEKOL**  
<https://www.youtube.com/@CanalBeKol>

**CHABAD SÃO PAULO**  
<https://pt.chabad.org/>

**CHEVRA KADISHA SÃO PAULO**  
<https://www.chevrakadisha.org.br/>

**JEWISH ENCYCLOPEDIA**  
<https://www.jewishencyclopedia.com/>

**JEWISH VIRTUAL LIBRARY**  
<https://www.jewishvirtuallibrary.org/>

**MORASHÁ**  
<https://www.morasha.com.br/>

**YAD VASHEM**  
<https://www.yadvashem.org/>

## Fotografias

**USHMM Photo Archive**

# Créditos

## Maio de 2024

### Realização

Associação Casa de Cultura Beit Yaacov  
Museu do Holocausto de Curitiba  
Presidente  
Miguel Krigsner

### Coordenação-Geral

Carlos Reiss

### Pesquisa e Redação

Denise Weishof  
Michel Ehrlich  
Carlos Reiss  
Isabella Lopes

### Revisão

Laura Nicolli

### Concepção de Arte

Fabio Bueno

### Agradecimentos

Ariel Fingerman, Avraham Milgram (Tito), Centro Israelita do Paraná, Eloiza Vasconcelos, Isac Weishof Z"l, Jaime Ingberman, Maria Lucia Voitech Neumann, Pablo Berman.

